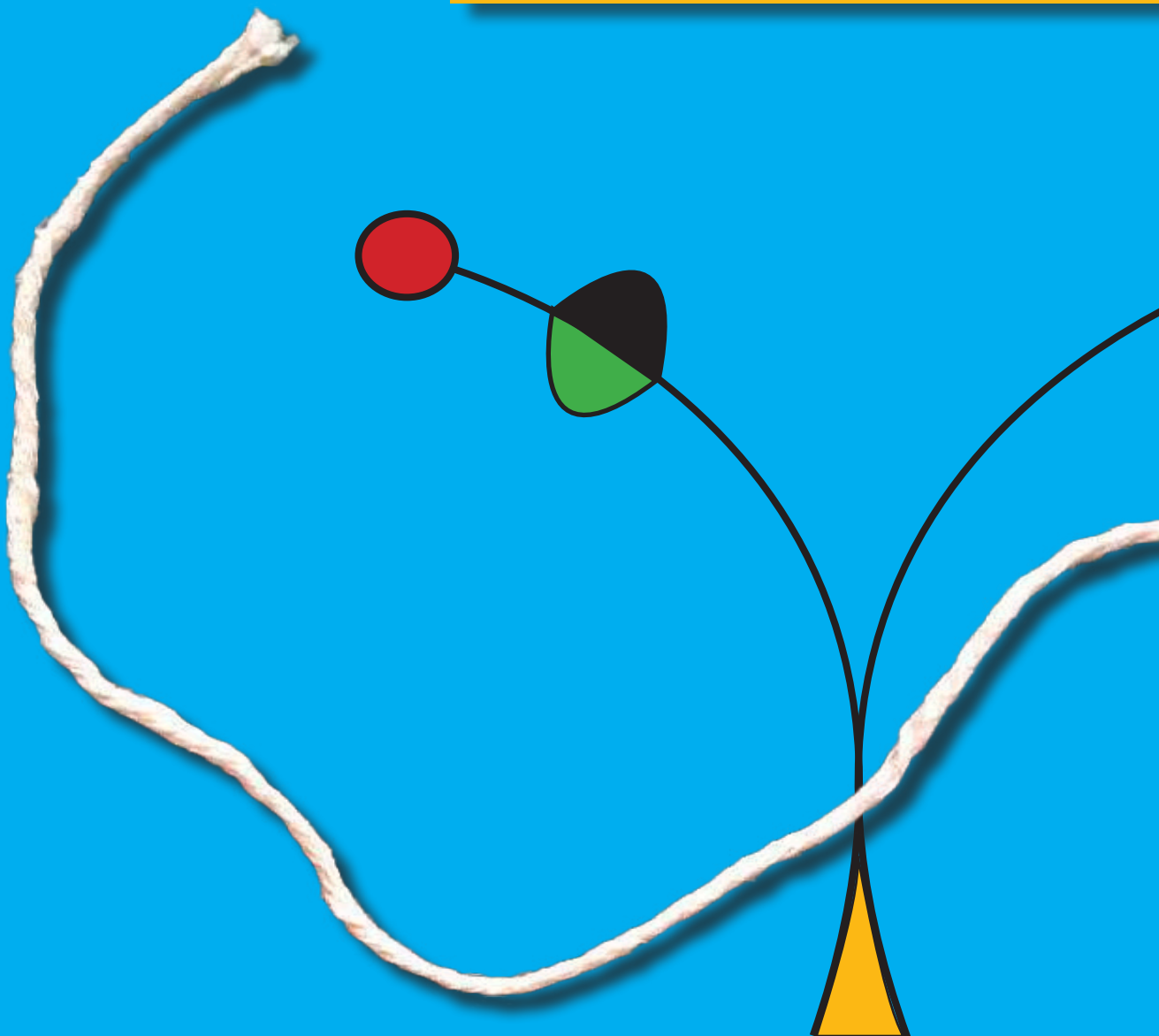


PROFESSORA: SABRINA APARECIDA HILLE CASTANHO  
Escola Municipal Rosalvo Fernandes (Araquari - SC)  
Turmas: 5º I, II, III e IV

# Fio

# Condutor

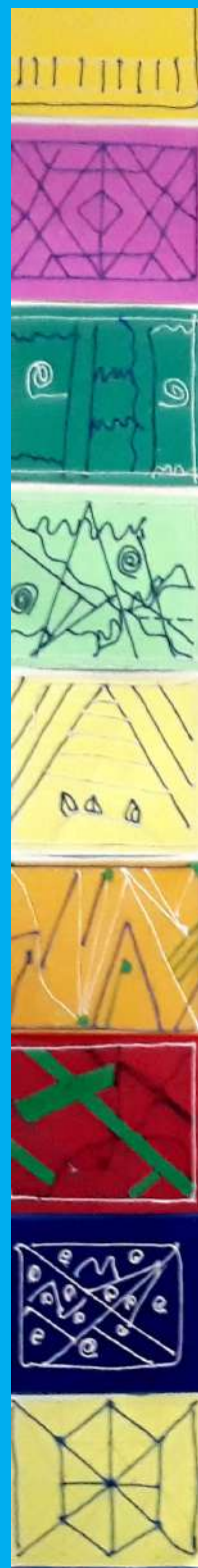
PORTFOLIO





Para iniciar este portfólio quero apresentar a escola onde trabalho. Há 3 anos sou professora de Arte na Escola Municipal Rosalvo Fernandes, em Araquari (SC), escola situada em um bairro de baixa-renda, cujo habitantes em sua maioria são pescadores e remanescentes quilombolas, inclusive a área já está em processo de reconhecimento pelo governo federal como comunidade quilombola Areias Pequenas. Uma comunidade escolar simples e humilde, mas que também abre as portas para famílias que chegam de todo o Brasil em busca de condições melhores de vida na cidade do Sul em contínuo desenvolvimento. Comunidade com crianças ansiando conhecer um mundo além dos portões da escola. É este o principal motivo que me faz pensar em aulas de Arte que estimulem a imaginação, a criatividade, a criticidade e a autonomia dos pequenos. Mesmo com poucos recursos pedagógicos e pouca infraestrutura escolar, os resultados obtidos me satisfazem como docente, mas, o melhor, é ver a satisfação das crianças. E cada aula dada, eles me fazem querer fazer melhor.

E por incentivo das próprias crianças, o projeto desenvolvido em 2019 movimentou toda a comunidade escolar e ampliou os olhares para além dos muros da escola, para além dos limites da cidade. Um projeto que proporcionou uma experiência única de vivência cultural para estas crianças que conheciam um museu de Arte somente através de uma tela de computador e oportunizou verem algumas obras de um dos artistas destaque das aulas. Saindo das páginas dos livros para o colorido do mundo real das artes, esta experimentação estética contribuiu para o desenvolvimento global da criança .



## O início: ideias que surgem

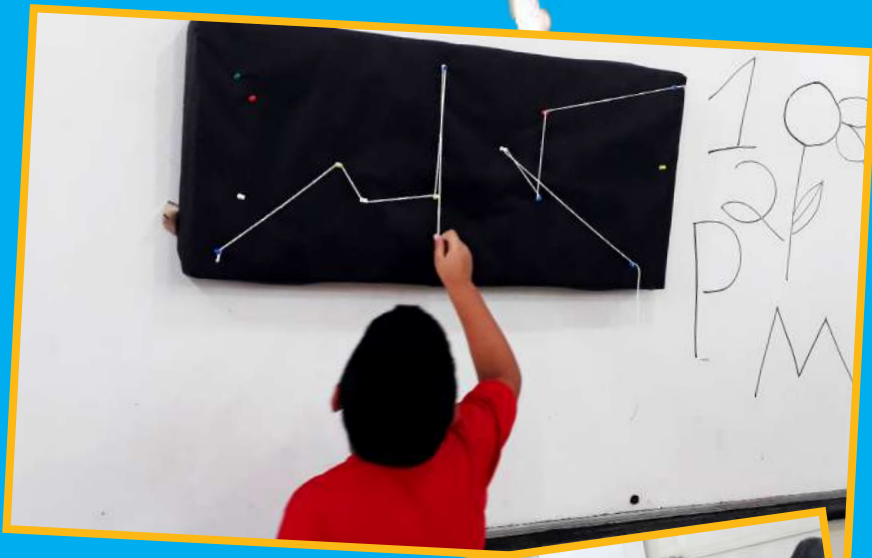
Atualmente, o currículo municipal de Araquari, dispõe de um único objetivo específico para o ano escolar, conforme a turma. Quando tomei em mãos o documento do 5º ano, vi que o conteúdo seria “linhas”. Assunto amplo, afinal sabemos que os primeiros passos para um desenho, um esboço, é a linha. O maior agravante era saber que as crianças, então com 11 anos, já haviam estudado a respeito no decorrer dos anos letivos.

Então, preparei apenas uma aula. Pensei muito a respeito de como explicar que a linha é a distância entre dois pontos. Me muni de uma placa de isopor, algumas tachinhas coloridas e barbante e fui para a sala de aula. Expliquei a teoria no quadro mostrando a linha como o segmento entre dois pontos. E propus duas dinâmicas a eles:

A primeira: colei a placa de isopor no quadro branco e pus algumas tachinhas aleatoriamente na placa e em apenas uma amarrei a ponta do barbante. Chamei uma criança que tinha a missão de unir aquele ponto a outro usando o barbante. A próxima criança dava continuidade ao processo fazendo o mesmo até que todos os pontos estivessem conectados com o barbante. Assim, exemplificando a teoria com a prática.

Para a segunda dinâmica, usei a premissa da anterior, só que desta vez o plano era a sala de aula em toda sua dimensão. Uma criança pegava o rolo de barbante e conectava a um ponto da sala, outra criança dava segmento do ponto onde havia parado e unia o barbante a outro ponto de sua escolha. E assim aconteceu sucessivamente até que a sala de aula foi transformada em um emaranhado de linhas.

E foi a partir dessa dinâmica que os alunos transformaram o plano de aula sobre “linhas” em projeto, pois foi a partir dessa aula que eles se transformaram em protagonistas sugerindo uma deliciosa e divertida brincadeira de transpor o labirinto.



# Chegou a hora de criar com as linhas

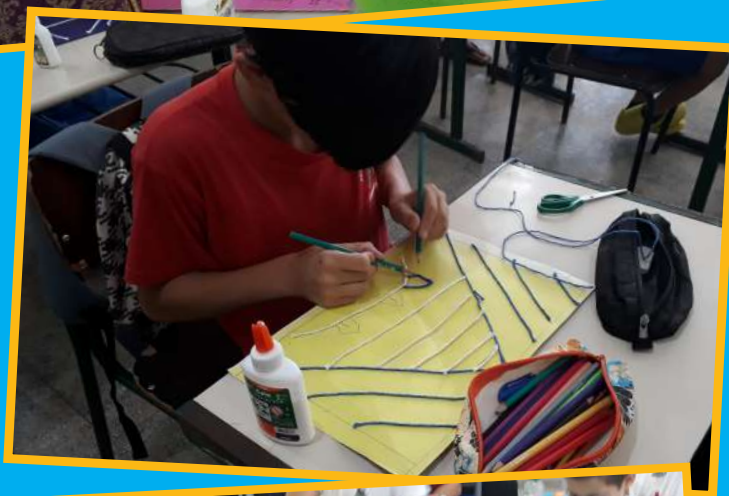
Antes de qualquer atividade mais elaborada, gosto que as crianças façam ensaios no caderno de desenho, para poderem testar traços e cores. Nesta aula, a intenção foi com que fizessem uma composição com os vários tipos de linha que conheciam, sem pensar em simetria, somente deixar fruir os traços. Após, contornaram com o lápis de cor.

Sempre busco propor atividades diferenciadas, mas ao mesmo tempo atividades que possam ser feitas com o material disponível para as crianças, pois, como evidenciei no início, a comunidade é humilde, sem condições do professor estar pedindo materiais extras para as aulas, além do básico caderno de desenho e lápis de cor, quando os tem. Considerando essa realidade, aproveitei vários papéis-cartão que estavam descolorindo no depósito e propus a eles que, usando como referência o ensaio feito no caderno de desenho, criassem uma composição de linhas em um retângulo de papel-cartão, substituindo o contorno do lápis de cor pelo barbante.

Nesta atividade, além do aprendizado de composição com

os diversos tipos de linhas, as crianças desenvolveram formas de colar o barbante, pois a junção de cola, com barbante e a mão humana se transformou num obstáculo para os pequenos. Porém, em nenhum momento desistiram, ao contrário, persistiram em terminar e ainda ajudaram os colegas que se frustravam com a dificuldade em usar a cola e o barbante, dando dicas de como fazer. Esta segunda atividade resultou em um belíssimo painel na entrada da escola para recepcionar os pais para a primeira reunião na escola.

Também gosto de destacar, que o projeto Fio Condutor oportunizou a socialização das irmãs gêmeas ambas com diagnóstico de autismo. Acima, a foto mostra a participação de uma delas.



Voltando para o caderno de desenho, novamente trabalharam as linhas, porém, dessa vez, a composição uniu também as cores. Nesta atividade, cujo objetivo foi fazer com que percebessem as formas surgidas a partir da junção de linhas, as crianças estavam livres para criar. Sozinhas ou com os colegas e em meio a conversas descontraídas, belos trabalhos foram surgindo. Percebi que ao deixá-los mais “soltos”, a imaginação e criatividade fluíram facilmente.

Depois de finalizado, grupos foram divididos e, discutindo entre eles, tinham de encontrar a melhor forma de unir seus trabalhos e formar uma única composição cheia de cores e formas.



# Tecendo com linhas de papel

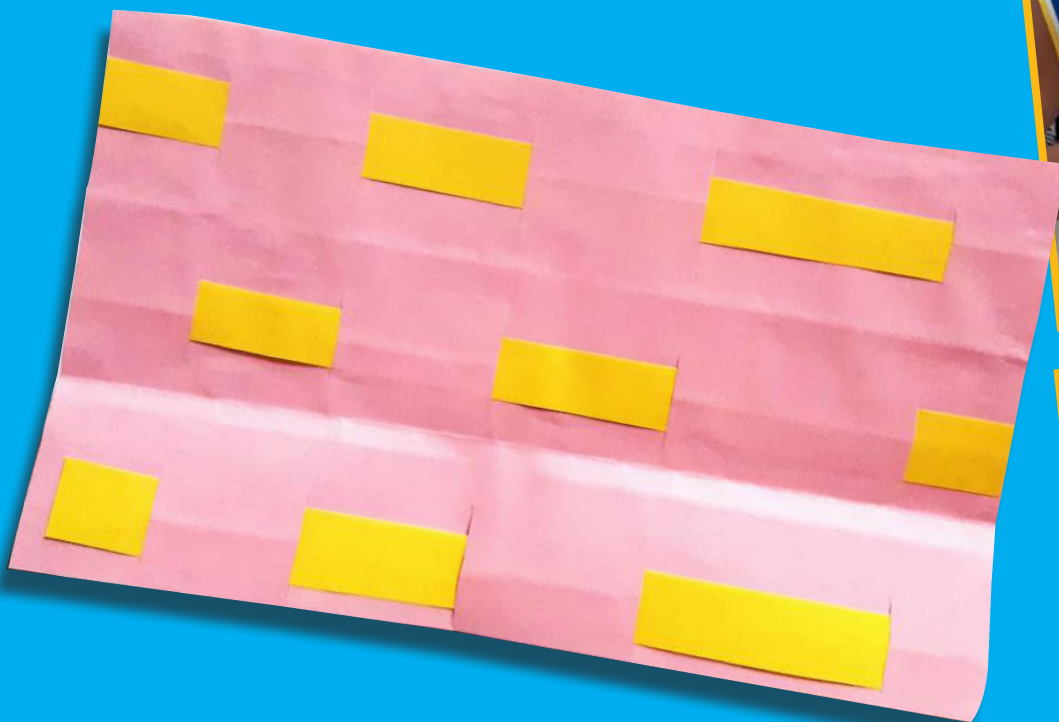


Nessa atividade, mais uma vez as crianças me surpreenderam, pois seria apenas uma aula para fazerem a proposta leva para a sala, mas gostaram tanto que repetimos a atividade nas três aulas seguintes.

Esta atividade, consistiu em tecer tiras de papel no próprio papel. Cada criança ganhou duas folhas de papel com cores distintas. Primeiro dobravam a folha suporte como fossem fazer um leque e com a tesoura faziam pequenos cortes nas dobras. Depois, com a segunda folha, faziam tiras de papel.

Com movimentos de alinhavo, as tiras de papel eram “costuradas” na folha sulfite.

Esse trabalho manual exigiu concentração e coordenação motora das mãos. Mas foi um sucesso!



# Conhecendo Joán Miró



Depois de algumas aulas trabalhando as linhas e suas variações, chegou o momento de apresentar-lhes um artista que amava “brincar” com linhas e formas. As crianças conheceram Joán Miró, e já no início identificaram as linhas usadas pelo artista espanhol. O que também lhes chamou a atenção foram as cores que se faziam presentes em todas as obras.

Sentados no chão da sala ou nas cadeiras, iniciamos uma conversa sobre o artista catalão e o Surrelismo, movimento artístico ao qual pertencia. Com o apoio dos meus livros, puderam conhecer a sua bibliografia, curiosidades a seu respeito, histórias de suas obras e os seres imaginários que pintava.

Além dos livros, levei impressões coloridas de algumas obras. Consegui, por meio do programa Posteriza, imprimir em um tamanho maior que uma folha A4 para que as crianças pudessem observar detalhes na imagem e também para terem um mínimo de entedimento de que as imagens dos livros são meramente ilustrações em versão menor das obras originais. As duas obras que mais lhe chamaram a atenção foi “O Carnaval de Arlequim” e “O Jardim”, conforme me relataram, por causa dos seres que as ilustravam e dos seres imaginários.

Como de costume, depois da conversa, munidos de lápis e caderno e inspirados nos seres pintados por Miró, as crianças buscaram em suas imaginações e criaram seres abusando de linhas e formas.



# Uma grande notícia

Enquanto ainda trabalhávamos Miró em sala de aula, uma grande notícia chegou. O Instituto Internacional Juez Machado, em Joinville (cidade vizinha de Araquari), iria trazer uma exposição do artista catalão chamada “Maravilhas com Variações Acrósticas no Jardim de Miró”.

Assim que soube, pensei em como seria enriquecedor para as crianças terem a oportunidade de ver de perto obras do artista que estávamos estudando. Sair das impressões em papel para uma vivência artística real. Então conversei com a

diretora sobre a possibilidade de levar as turmas para Joinville e sem exitar concordou.

Enquanto a diretora acertava os trâmites formais sobre o transporte com a Secretaria de Educação, fiz a inscrição das turmas para a visita à exposição.

Com as datas e o transporte confirmados, dei a notícia para as crianças. E a reação foi um misto de euforia e alegria: AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA... Uma gritaria só!

Elas estavam felizes e eu mais feliz ainda em poder proporcionar a eles essa experiência única de vivência cultural. Afinal, de cerca de 100 alunos que faziam parte dos 5ºs anos, apenas um conhecia um museu.

E nesta aula conversamos sobre o que é um museu, neste caso um instituto de Arte, como se portar no ambiente, como apreciar uma obra e também uma introdução sobre litografia, a técnica usada por Miró nas obras que seriam exibidas. Além disso, adentramos também no sub-tema que eram os acrósticos, e aí o professor regente contribui explicando em sua aula como era a estrutura desse gênero textual.





# Uma nova experiência

À espera do grande dia, discutimos em sala como poderíamos trabalhar Miró, além do caderno de desenho. E surgiu uma sugestão de alguns alunos, que há algum tempo queriam pintar com nanquim. Mesmo sabendo que a maioria não teria condições de comprar o frasco da tinta preta, acatei a ideia e iniciamos as atividades pintando a folha sulfite com giz de cera, aproveitando os que a escola tinha disponível. A pintura durou uma aula inteira, pois pedi que cobrissem bem o fundo e expliquei que se fosse diferente o nanquim iria ser absovido pelo papel e não poderia ser raspado.

Na aula seguinte, alguns alunos compraram o nanquim e eu levei alguns frascos também. Em grupos, cada um com seu papel pintado, pincelavam o nanquim por cima do giz de cera. Interessante desta experiência foi que alguns compraram o nanquim verde, e perceberam que essa cor não cobria o fundo.

Depois da secagem, o desenho a ser raspado seria o que eles haviam feito na aula anterior, seus próprios seres imaginários.





# Apreciando a Arte bem de perto

“Profe, esse é o dia mais feliz da minha”, falou o aluno Pedro H. Silveira me abraçando enquanto apreciávamos a exposição de Miró no Instituto Internacional Juarez Machado. Essa frase ainda me emociona quando lembro da experiência que tivemos. Digo tivemos porque não foi somente para as crianças, eu, enquanto professora percebi quão maravilhosa foi a viagem de estudo. Ver os olhinhos deles brilhando, ouvir

um “uau!” quando entraram na sala que abrigava a exposição “Maravilhas com Variações Acrósticas no Jardim de Miró”, foi mais do que imaginei.

Para eles, Miró saiu das páginas dos livros e das impressões e se tornou realidade. Pela primeira vez, estavam ali em uma sala, apreciando arte, os netos de pescadores e remanescentes quilombolas que nunca antes vivenciaram a cultura tão de perto.



Para enriquecer ainda mais o dia, as crianças também tiveram o privilégio de conhecer a exposição de outros dois artistas: Fábio Pantoni e Juarez Machado. Este último encantou as crianças, pois perceberam que temos artista conhecidos internacionalmente bem pertinho de nós. Conheceram sua história e da casa que abriga o Instituto e se encantaram por suas lindas obras figurativas. Neste ambiente, as crianças mergulharam fundo em cada detalhe das pinturas. Anotavam tudo o que lhes era importante, para mais tarde lembrar o dia que visitaram o Instituto Juarez Machado.

Além das pinturas, conheceram outras linguagens artísticas, como as esculturas do Juarez Machado e vídeos de Fábio Pantoni, além de técnicas como a litografia e aplicação de folhas de ouro nas pinturas, o que, é claro, lhes chamou a atenção.

Em todas as três salas expositivas, as mediadoras sentaram com as crianças e explicaram sobre cada artista e sua exposição. Na sala do Miró, foi muito bom vê-las respondendo as perguntas da mediadora sobre o artista e ainda destacavam que sabiam a resposta porque “nossa profe contou pra gente”. Neste momento percebi como é gratificante ser professora.



"A exposição do Miró, foi muito legal e empolgante. Foi a primeira vez que fui num museu e senti que estava sendo uma coisa verdadeira, do artista real."

HIGOR ANDRESEN  
DE BRAGA,  
10 anos, 5º III

"Eu já tinha ido a um museu mas não tinha visto a obra do Miró de perto. Fiquei admirado e me senti muito feliz."

JOAQUIM ANTÔNIO LOPES  
CARVALHO,  
10 anos, 5º III



As gêmeas Jeana e Jeovana, diagnosticadas com autismo, participaram efetivamente de todas as atividades relacionadas ao Projeto Fio Condutor, inclusive foram à exposição no Instituto Juarez Machado. Percebi que elas se sentiram mais atraídas pelas obras do Juarez Machado, pois elas apreciaram todas as obras e estavam atentas a todos os detalhes.





Na aula seguinte após a visita ao Instituto Internacional Juarez Machado, foi momento de muita conversa e reflexão. As lembranças ainda vívidas se transformaram em um relatório sobre a experiência cultural. Sempre à vontade, as crianças se sentavam com outro colega para recordar e durante a escrita houve muito diálogo e troca de ideias entre eles, falavam com propriedade sobre Miró, Juarez Machado e Fábio Pantoni. As técnicas usadas, qual a obra que mais gostaram, os sentimentos e emoções que despertaram neles naquele dia. Importante salientar que todos os pais apoiaram a viagem.

## As linhas na Arte Concreta

Esta aula mostrou às crianças o significado do concretismo no âmbito das artes visuais. Levei para a sala de aula algumas imagens que exemplificassem a Arte Concreta. Elas perceberam que nesta corrente estilística a importância está nas linhas, cores, formas e planos. Então, usando da simplificação da Arte Concreta, simplifiquei também o material a ser usado para a atividade experimental. Em uma folha pautada do caderno, eles contornaram a silhueta da mão e escolheram duas cores para pintar as linhas, alternando-as entre o interior da mão e o exterior, dando a sensação de um desenho tridimensional. O que era uma tarefa simples, para alguns não foi muito prática, e ficou evidente a falta de coordenação motora. Para isso, repetiram a atividade com muita calma e paciência.

A atividade que seguiu consistiu em trabalhar as linhas em profundidade usando apenas o preto e branco. Uma experiência maravilhosa, pois compreenderam que o efeito se dá por meio da convergência das linhas. E depois, para finalizar o movimento concretista, partindo do pressuposto da experiência com a pintura da mão, as crianças ficaram livres para escolher uma forma geométrica e as cores que usaria para colorir.



# Partiu para o tridimensional

Em algum momento nas minhas pesquisas sobre Miró, li que Alexander Cálder era seu amigo e que, inclusive se apropriou das formas e cores do artista espanhol para criar seus móveis. Surgiu, então, a ideia de levar a proposta de Cálder para as crianças.

Com imagens de alguns móveis de Cálder, indaguei se elas sabiam o que eram aqueles objetos. Muitas ideias surgiram, até que, lá do meio da sala, alguém falou que pareciam aqueles objetos que se botava no berço dos bebês. Bingo!!!!

A partir daí, os demais conseguiram perceber os móveis. Expliquei o que eram os objetos, falei sobre o artista, inclusive que ele era amigo de Miró. Falei a palavra mágica. “Profe, parece o mesmo ‘o desenho do Miró!’”

Após a visita ao Instituto de arte, constatei que a percepção das crianças ficou mais aguçada por meio dos comentários e observações que faziam a respeito dos artistas e suas obras.

A ideia era que criassem móveis com materiais reutilizáveis e recicláveis. Como fazer?, perguntei. Não demorou muito para as sugestões aparecerem: cabide, CDs, latas, isopor, papel, madeira.

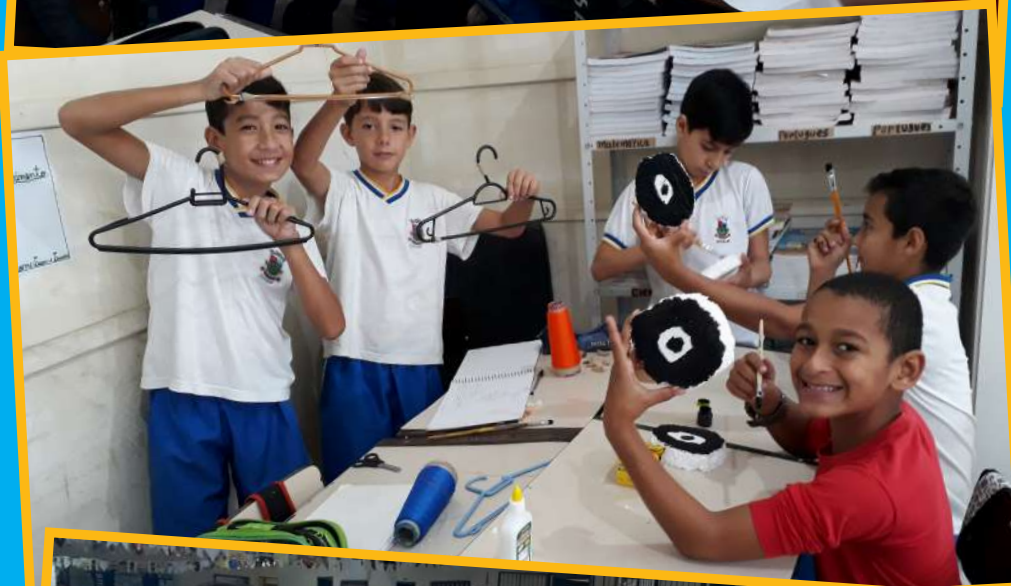


Em grupos, começaram as discussões como fazer, e a partir de imagens das obras de Cálder, esboçaram nos cadernos cada grupo o seu móbile. Não me importei com a quantidade de aulas que usariam para realizar a atividade, pois vi que a cada aula, ideias novas fluíam entre os grupos, discussões apareciam a todo momento de como fazer, que material utilizar, que cor pintar. O pátio da escola serviu como fornecedor de material, lá foram coletados gravetos e pedaços de madeira para compor o móbile. Até o bambolê da escola entrou na roda. De casa vieram latinhas, CDs velhos, papelão e cabides.

Esta atividade exigiu criatividade pois, depois de imaginar o móbile, eles teriam que por em prática o projeto pensado, e também habilidades nas amarrações com o barbante e na composição do equilíbrio das peças.

Esses momentos de socialização e conversas entre eles foi muito importante para aprenderem sobre o respeito mútuo em relação as ideias e opiniões de cada um.

O resultado foram peças maravilhosas e muito criativas que foram expostas no corredor de acesso a futura sala de exposição, assunto da próxima aula...





# Os artistas são eles!

Depois das muitas aulas falando sobre linhas e usando-as como tema para todas as atividades, depois da visita à exposição de Miró e das criações de móveis, pensei que o projeto estava encerrado. Me enganei! Durante uma conversa com as crianças sobre tudo o que tínhamos realizado surgiu uma hipótese: e se fizéssemos uma grande exposição? Na mesma hora todos acataram a ideia. Então os questionei sobre o nome que a exposição deveria ter. Vários títulos surgiram, mas um, em particular, chamou a atenção: “Fio Condutor”. A premissa era de que a linha conduz a arte, em todas as suas linguagens.

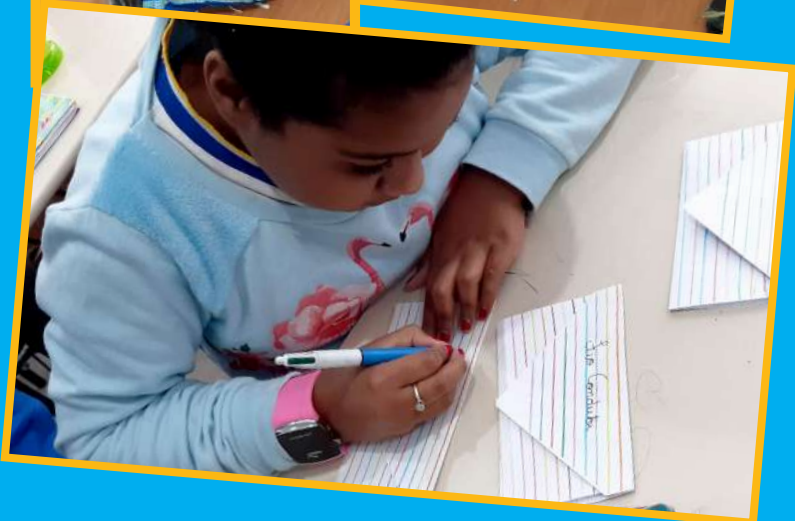
Nome aprovado, e agora? Como fazer a exposição? Quais atividades expor e onde expor?

Como o projeto de linhas vinha acontecendo desde o início do ano, tínhamos muito material, e para nossa alegria, a escola estava com uma sala vaga. Conversei com a direção da escola se poderíamos usar a sala para uma exposição e na mesma hora concordaram.

Como eu não teria tempo hábil para organizar tudo, dei autonomia para as crianças fazerem a curadoria. Expliquei a elas um pouco sobre o que é uma curadoria e que eles seriam os curadores da exposição “Fio Condutor”. As aulas seguintes foram usadas para a organização das atividades que seriam expostas. As crianças faziam a escolha de quais fariam parte, e foram muito criteriosos. Se estivesse mal pintada, mal recortada, sem harmonia, não entrava na seleção.

E como toda exposição tem um convite, as crianças idealizaram um usando como envelope folhas de caderno pautado, colorindo as linhas, e dentro as informações. Os convites foram entregues em todas as salas, para os professores e também na Secretaria de Educação.

Diante desse processo, ficou evidente que eles trouxeram para dentro da escola a experiência cultural vivenciada e foi essencial para o desenvolvimento e o resultado do projeto.







## Finalmente, o grande dia chegou.

Uma linha esticada do início do corredor até à sala, conduziu os visitantes à exposição. Nesta linha, acrósticos feitos junto com a professora regente também estavam expostos. Uma turma por vez entrava e era recepcionada pelos mediadores, que a cada setor do ambiente, falavam sobre o material exposto e quais foram as influências artísticas que os inspiraram. E teve até fila de espera!

É importante destacar que a ideia da mediação também partiu das crianças. Influenciadas pela experiência no Instituto Juez Machado, elas retomaram as bibliografias dos artistas trabalhados durante o projeto, bem como as práticas feitas em sala, para terem os subsídios necessários para a apresentação.

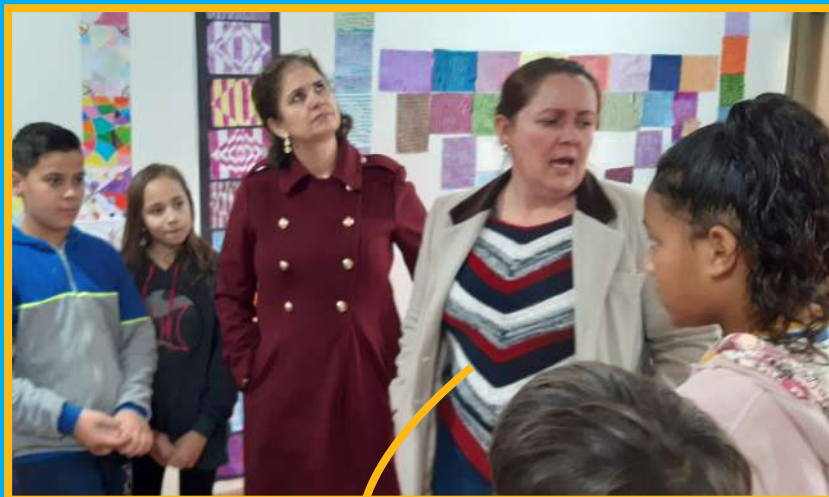
A autonomia dada às crianças resultou em um trabalho magnífico, em todo seu decorrer, repleto de criticidade e criatividade.

Aproximadamente 650 crianças tiveram a oportunidade de prestigiar “Fio Condutor” e, minimamente, tiveram uma vivência cultural em um espaço expositor.

A exposição ficou aberta por duas semanas e, além dos alunos, professores, pais, equipe pedagógica, coordenadores de ensino e todos os servidores da escola prestigiaram a exposição “Fio Condutor”.

Ao finalizar este projeto, percebi que sempre podemos encontrar variações para um mesmo assunto, basta estarmos sempre atualizados e dispostos à muita pesquisa. E o mais importante, aprendi que os alunos nos tem muito a oferecer, só temos que ouvi-los.





**“A exposição Fio Condutor foi a Arte criando conexões de aprendizagem.”**

*ELIZÂNGELA DESBESSEL,  
Coordenadora de Ensino*



**É só uma foto, mas para mim representa um ano inteiro de aprendizado. Muito obrigado aos meus alunos.**

Acesse o link abaixo para saber um pouco mais sobre o projeto

**<https://youtu.be/b7Xu8o099fg>**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Mundo da Arte: Animais, Susie Brooks (2013); Vamos Fazer Arte!, Fiona Gowen (2012); O Livro da Arte, Publifolha (2010); Fazendo Arte, Maja Pitamic (2012); Arte Para Criança, Publifolhinha (2010); Escola de Arte, TealTrigs (2017); Novo Girassol. Fazeres e Saberes do Campo, Arleide Dias e Vanessa Oliveira (2016); Sites: portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=16022, acesso em 18/02/2019; know.net/arteseletras/pinteescult/arte-concreta, acesso em 17/05/2019; ebiografia.com>joan\_miro, acesso em 27/03/2019; acrillex.com.br/portfolio\_entries/obras-de-arte/page/3/, acesso em 27/03/2019; art.com/products/p10289064-sa-i789071/joan-miro-ballerina.htm, acesso em 27/03/2019; levygorvy.com/exhibitions/alexander-calder-primary-motions, acesso em 15/07/2019; designcurial.com/news/performing-sculpture-alexander-calder-4797378/, acesso em 15/07/2019.